

MACHO ESCROTO: OS DESLOCAMENTOS DE SENTIDOS EM DISCURSOS MACHISTAS NO ESPAÇO-TEMPO

SCROTUM MALE: THE DISPLACEMENTS OF MEANINGS IN SEXISTS DISCOURSES IN SPACE-TIME

Juan Monteiro 1

Resumo: *Através dos pressupostos teórico-metodológicos da análise de discurso, a presente pesquisa busca identificar os efeitos de sentidos em publicações/comentários em redes sociais relacionados, ao machismo, ao assédio, ao feminicídio e sequências discursivas relacionadas no intradiscorso sobre celebridades do futebol, fazendo relação com formações ideológicas e discursivas no interdiscorso. De modo específico, objetivou-se investigar a relação entre assédio, machismo e feminicídio diante das condições de produção ideológicas e discursivas no interdiscorso; analisar os efeitos de sentidos do discurso reacionário no intradiscorso sobre celebridades do futebol masculino envolvidos em acontecimentos polêmicos que ocasionaram em acusações que dividem opiniões em redes sociais e; estabelecer recortes (unidades de sentido) sobre publicações e comentários relacionados aos sujeitos – celebridades jogadores de futebol – envolvidos em acontecimentos polêmicos. As reflexões formuladas a partir do levantamento teórico e da análise do corpus possibilitaram compreender os efeitos de sentido re-produzidos em torno de discursos machistas em diferentes lugares histórico-social-ideológico.*

Palavras-chave: *Macho Escroto. Machismo. Análise de Discurso. Deslocamento de Sentidos.*

Abstract: *Through the theoretical-methodological assumptions of discourse analysis, this research seeks to identify the effects of meanings in publications/on social networks related to machismo, harassment, femicide and related discursive sequences in the intradiscourse about football celebrities, making a relationship with ideological and discursive formations in the interdiscourse. Specifically, the objective was to investigate the relationship between harassment, sexism and femicide in the face of ideological and discursive production conditions in the interdiscourse; to analyze the effects of the meanings of the reactionary discourse in the intradiscourse on male soccer celebrities involved in controversial events that led to accusations that divide opinions in social networks and; establish clippings (units of meaning) on publications and comments related to subjects – famous soccer players – involved in controversial events. The reflections formulated from the theoretical survey and analysis of the corpus made it possible to understand the effects of meaning re-produced around sexist discourses in different historical-social-ideological places.*

Keywords: *Male scrotum. Sexist. Discourse Analysis. Displacement of senses.*

1 Doutorando em Linguística e Literatura pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Especialista em Educação e Diversidade Étnico-Cultural pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Graduado pela Universidade do Norte do Paraná (UNOPAR). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8582844479191235>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5671-0077>. E-mail: juan_thecalling@hotmail.com

Introdução

A partir da segunda metade do século XX até o início do século XXI, uma mudança¹ expressiva aconteceu com relação a discursos machistas, racistas, homofóbicos e outros tipos de discursos contra tantas outras minorias discriminadas durante boa parte do que reconhecemos como processo civilizatório da humanidade (HABERMAS, 1997; BAUMAN, 2001; LYOTARD, 2019). De todo modo, a memória discursiva destes discursos e ideologias reacionários não desapareceu cedendo vitória ao discurso politicamente correto. A opinião pública tem se dividido e sofrido influências de figuras públicas, movimentos sociais, movimentos antidemocráticos e diversos outros seguimentos que disputam o sentido dominante – em redes de significação que divergem, polarizam sob a égide de uma estrutura calcada por valores capitalistas (PÊCHEUX, 1996) – para manter padrões, por um lado, ou, por outro lado, para criar novas estratégias pedagógicas em favor das minorias. Em meio a todo embate o sujeito é interpelado por determinadas formações discursivas e ideológicas.

Considerando o fato de que o Brasil, ainda reconhecido como o país do futebol, teve ao longo da história muitas celebridades do meio futebolístico profissional envolvidas em acontecimentos polêmicos sobre violência contra mulheres, é oportuno refletir acerca do discurso conservador, patriarcal e reacionário que têm se manifestado de formas diferentes no espaço-tempo, ora mais acentuado, ora mais velado. Neste sentido, a presente pesquisa toma como objeto uma das vertentes ideológicas reacionárias mencionadas anteriormente, o machismo, para que seja possível através de reflexões em torno desta prática responder algumas questões problematizadas com relação aos efeitos de sentido existentes na polarização política em torno das polêmicas aqui mencionadas.

Convém questionar: Qual a relação entre assédio, machismo e feminicídio diante das condições de produção ideológicas e discursivas no interdiscurso? De que forma os efeitos de sentidos do discurso reacionário no intradiscurso, sobre celebridades do futebol masculino envolvidos em acontecimentos polêmicos que ocasionaram em acusações, dividem opiniões em redes sociais? É possível estabelecer unidades de sentido sobre publicações e comentários relacionados aos sujeitos – celebridades jogadores de futebol – envolvidos em acontecimentos polêmicos?

Estas questões se orientam a partir de uma militância anti-reacionária que faz parte de uma das vertentes exploradas por estudiosos do Grupo de Estudo em Discurso e Ontologia (GEDON) pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), onde, através da análise de discurso (doravante AD) materialista, desenvolvo produções acadêmicas financiadas pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL) sobre história, sujeito e ideologia. Desse modo, no presente trabalho, objetivou-se identificar os efeitos de sentidos que transitam em redes sociais em publicações e em comentários relacionados ao machismo, ao assédio, ao feminicídio e a aparição de sequências discursivas peculiares no intradiscurso sobre celebridades do futebol, fazendo relação com o interdiscurso e suas formações ideológicas e discursivas de outros âmbitos.

Aspectos teórico-metodológicos

Três grandes momentos separam os aspectos teórico-metodológicos da presente pesquisa. Desse modo, as duas primeiras subseções possuem relação com a um levantamento teórico, precedendo duas seções posteriores que constituem formação e análise do *corpus*. Inicialmente, o macho escroto no espaço-tempo é explicitado para além do acontecimento que o evoca. Em seguida, o referencial se desloca para a institucionalização do machismo que funciona como ordem discursiva no interdiscurso. Posteriormente, na terceira subseção da pesquisa e primeira subseção

¹ Os movimentos de mulheres, portadores de necessidades especiais, negros, entre tantos outros, foram e são vitais na conquista de novos espaços de participação política. Estes grupos se reconhecem como sujeitos de direitos e buscam criar sua participação política, vencendo a exclusão social, historicamente, a eles imposta (NASCIMENTO, 2006, p. 70).

metodológica, apresenta-se brevemente o *corpus*. Por fim, são analisadas imagens capturadas sobre publicações de acontecimentos relacionados a polêmicas que envolvem violência contra mulher praticada por jogadores de futebol.

O macho escroto no espaço-tempo

O termo “macho escroto” tem sido comumente utilizado por grupos minoritários em discursos que denunciam o machismo no Brasil contemporâneo². Apesar da deriva do sentido da palavra escroto ter relação com o significado da palavra “escroto” (saco musculocutâneo em que estão contidos os testículos e os epidídimos), não se trata de um silogismo, mas de um neologismo consoante ao termo “macho” que faz referência ao homem heterossexual, sendo o significante escroto associado a um sentido parafrástico/metafórico que deriva para significantes pejorativos como desonesto, inescrupuloso, imoral, etc., dentre tantos outros adjetivos que podem ser entendidos como “machista”.

De todo modo, este sujeito machista evocado, em protestos dos mais variados tipos, está presente há muito tempo nas entrelinhas de discursos silenciados e ressignificados no espaço-tempo por grupos e/ou classes hegemônicas que naturalizam práticas machistas. Lembremos o enunciado “em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher” que acoberta/justifica/abstrai casos de violência doméstica e/ou familiar contra mulheres. Todos os discursos filiados às ideologias reacionárias consistem desde a repressão por manutenção até a romantização de práticas e discursos machistas. Neste entremeio permeado por lutas e tendências contemporâneas, o sujeito machista se coloca entre os “discursos polêmico e autoritário” (ORLANDI, 2001) para então reformular o seu discurso ou articular-se para novas formas de violência, assédio e manutenção do *status quo*.

No tocante ao assédio sexual, segundo Melo (2001, p. 61), “no contexto das relações face a face e caracteriza-se pelo uso abusivo do poder de uma parte em relação a outra, visando à obtenção de favores sexuais. Em termos práticos, o assédio sexual inclui iniciativas verbais e não verbais”. Por estes termos, é possível afirmar que uma das articulações por parte de sujeitos que possuem privilégios provenientes da lógica patriarcal reside no assédio para a manutenção destes privilégios ou até garantia de mais privilégios. No entanto, esta dominação masculina por vezes extrapola ou não acaba bem diante de confrontos e resistências por parte da mulher, o que de certa forma agravam as coisas. Trata-se de algo sério e que precisa ser combatido assim como as desigualdades de gênero em suas diversas formas, o feminicídio.

Considerando a ordem social por uma ótica bourdieusiana, é possível refletir acerca da naturalização dos papéis sociais de gênero por trás desta ordem que, nos dizeres althusserianos, *interpela os indivíduos em sujeitos* (Althusser, 1985):

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres (BOURDIEU, 2014, p. 18).

Nestas considerações em *A dominação masculina* (BOURDIEU, 2014), fica evidente o quanto as bases estruturais da sociedade se solidificaram sob a égide de desigualdades de gênero favorável aos homens, em especial aos brancos. Outrossim, o termo “macho escroto”, apesar de novo, não está necessariamente relacionado a acontecimentos novos, pois os homens que ocupam as

² O termo já possui um poder enunciativo considerável. Em outros termos, tem circulado em redes sociais, programas de TV, matérias jornalísticas, etc., e tem sido também explicado em dicionários informais:

Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/04/27/o-que-e-macho-escroto-termo-usado-por-thelma-do-bbb-e-um-dos-mais-buscados.htm>. Acesso em: 27 jul. 2021.

Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/macho+escroto/>. Acesso em 27 jul. 2021.

melhores posições socioeconômicas estiveram, estão e, infelizmente, certamente estarão fazendo o uso de práticas e discursos que os mantêm em seus lugares privilegiados. Em grande parcela esta manutenção do *status quo* deriva de práticas e discursos que tendem a inferiorizar o outro – o diferente, ou seja, a mulher em especial, assim como o não-homem-heterossexual de modo geral dentre os diversos tipos de gêneros que atravessam o sentido de sexualidade existente impostas pela dicotomia homem/mulher. Com esta reflexão, há de se pensar que este sujeito chamado de macho escroto – em seus diferentes lugares históricos e sociais – não praticou violência sexual ou de outra natureza qualquer somente contra mulheres.

Práticas e discursos são mais ou menos aceitos dependendo do lugar histórico-social-ideológico (ORLANDI, 2001; PÊCHEUX, 2002). Não é diferente com o machismo, pois tem sua aceitação em maior ou menor proporção no espaço-tempo, oscilando para mais ou para menos de acordo com as “os pressupostos da representação patriarcal (baseada na homologia entre a relação homem/mulher e a relação adulto/criança) e sobretudo, talvez, os que estão inscritos em suas próprias estruturas hierárquicas” (BOURDIEU, 2014, p. 103). Em outros termos, ideologias conservadoras/reacionárias em suas práticas discursivizadas legitimam o machismo, por exemplo, na igreja, na escola e na família.

São inúmeros outros espaços onde a dominação masculina é naturalizada como é o caso das mídias e dos esportes. Nestes espaços circulam discursos que naturalizam o que são coisas dos mais variados tipos como sendo prioridades de determinados gêneros. Dependendo do lugar histórico, alguns discursos – pautados no politicamente correto – tentam barrar as práticas machistas, forçando os discursos a serem ressignificados em diferentes proporções que variam de acordo com o lugar. Consideremos o esporte mais famosos em terras tupiniquins, o futebol, para exemplificar algumas das faces de práticas e discursos machistas: jogadores profissionais são mais valorizados que jogadoras profissionais em visibilidade, patrocínio, salário e público. Não obstante, para além desta comparação com contornos profissionalizante entre gêneros, são várias as nuances com relação ao fato de que jogadores de futebol ocupam um lugar de privilégio. O machismo parece blindar estes sujeitos em outras situações da vida pessoal e cotidiana ou do que tem circulado no discurso ordinário. São traços de como a desigualdade de gênero está naturalizada em diversos lugares:

O machismo constitui, portanto, um sistema de representações-dominação que utiliza o argumento do sexo, mistificando assim as relações entre homens e as mulheres, reduzindo-os a sexos hierarquizados, divididos em polo dominante e polo dominado que se confirmam mutuamente numa situação de objetos (DRUMOND, 1980, p. 82).

Esta perspectiva simbólica e cultural, explicada por Drumond, tem relação com o interdiscurso – o lugar histórico-social-ideológico – que nas entrelinhas do discurso tem contraste com o machismo institucionalizado. Na próxima seção, é retomado um pouco mais sobre este lugar de naturalização do machismo sem deixar de lado, ao longo da pesquisa, o intradiscurso – lugar do acontecimento –, pois, conforme Charaudeau (2016), dependendo da manipulação e da circulação dos enunciados, certos acontecimentos influenciam a opinião pública. É justamente pela via oposta destes enunciados que se articulam a relação entre assédio, machismo e feminicídio. Ou seja, conforme militâncias em prol de minorias em seus diferentes lugares histórico-social-ideológico ocupa um lugar mais ou menos aceito, assédio, machismo e feminicídio são mais ou menos acobertados/justificados/abstraídos. Passemos para a institucionalização do machismo para que sejam melhor compreendida os discursos e deslocamentos de sentidos em torno desta problemática.

Machismo institucionalizado

Como dito anteriormente, o sujeito designado pelo termo macho escroto não é um sujeito novo como o termo. Isto não implica dizer que é um sujeito velho, pois são sujeitos diferentes em espaço-temporais diferentes. Grosso modo, significa que os sujeitos homens em seus lugares

histórico-social-ideológico agem de acordo com as demandas destes lugares. O machista de ontem, de hoje e de amanhã será designado, no sentido de ser denunciado, de acordo com as militâncias e tendências dos lugares que ocupam. Poderíamos pensar então não somente em um sujeito que vive numa determinada conjuntura com outros indivíduos semelhantes interpelados em sujeitos – relação sujeito/outro (LACAN, 1988) –, mas é oportuno refletir acerca do Outro e do Sujeito.

O Outro lacaniano articula-se bem com o Sujeito pecheutiano da análise de discurso sobre a problemática da institucionalização/naturalização do machismo em seus diversos lugares. Diante disto, uma noção muito importante para a AD é a noção de esquecimento que explica a discussão em torno sujeito da interpelação-identificação. Em outras palavras, o sujeito é interpelado ideologicamente através do discurso do Outro lacaniano – que se equipara ao Sujeito pecheutiano com 'S' maiúsculo também – e assim, o sujeito passa por uma identificação por determinada formação ideológica (FI) que o interpela através da formação discursiva (FD). Os esquecimentos nº 1 e 2 vem à tona: “Enquanto o *esquecimento nº 1* diz respeito a uma zona inacessível ao sujeito, o *esquecimento nº 2* fica dentro do domínio do sujeito. O primeiro é o ponto de articulação entre ideologia e inconsciente. O segundo, entre linguística e teoria do discurso” (TEIXEIRA, 1994, p. 68). Desse modo, por estas duas vias, há um apagamento/acobertamento/esquecimento quando o sujeito se identifica com um dizer que o atravessa, um dizer que já estava lá, antecedendo-o.

Finalmente, Pêcheux alarga a noção de *interpelação* através das formulações que faz sobre os *esquecimentos*. O termo *esquecimento* não designa perda de alguma coisa que se tenha tido um dia. Trata-se do *acobertamento* da causa do sujeito no próprio interior de seu efeito, o seja, o sujeito se constitui pelo *esquecimento* daquilo que o determina (TEIXEIRA, 1994, p. 67).

O esquecimento/acobertamento formulado por Pêcheux (1995) e explicitado por Teixeira (1994) é justamente o ponto central para o entendimento do Sujeito. No caso do sujeito machista, há um Sujeito machista que existe antes do sujeito de um dado lugar, em nome de uma determinada formação discursiva (FD) (cf. PÊCHEUX, 1995). O grande Sujeito pecheutiano é o grande Outro lacaniano, sendo que este Sujeito/Outro fala antes do sujeito que é, desse modo, “meramente produto “sobredeterminado” dessa ou daquela FD, não lhe estando outro lugar a não ser o de reprodução” (TEIXEIRA, 1994, p. 83). Por isto, a AD busca compreender não somente o lugar social-ideológico que o sujeito ocupa, mas também o lugar histórico.

O machismo, assim como tantas outras práticas e ideologias, tem sobrevivido por anos e anos deslocando-se e reformulando-se. Sobre os deslocamentos e multiplicidades de sentidos, é correto afirmar que acontecem com a aparição da metáfora ou da metonímia, uma vez que “tudo se passa como se houvesse uma invasão progressiva do significante, no sentido que o significante se libertaria pouco a pouco de seu significado” (LACAN, 1956, p. 247 *apud* DOR, 1989, p. 41). Os significantes podem influenciar diretamente na compreensão do significado, alterando completamente uma dada noção que se pode ter acerca de algum(s) signo(s) que compõe(m) um enunciado. A relação entre metáfora e metonímia marca a supremacia do significante sobre o significado para a compreensão de toda a significação como afirma Lacan com base em Freud.

De maneira geral, o que Freud chama de condensação é o que se chama, em retórica, metáfora, e o que ele chama deslocamento, metonímia. A estruturação, a existência lexical do conjunto do aparelho significante (sic) são determinantes para os fenômenos presentes na neurose, pois o significante é o instrumento com o qual se exprime o significado desaparecido (LACAN, 1985, p. 251).

A significação que se exprime no espaço-tempo com sentidos oriundos de um Sujeito é articulada/conduzida pelo sujeito de modo a perpetuar-se – no caso do machismo e/ou violência dos mais variados tipos contra mulheres e transsexuais femininas – através do binarismo homem-mulher. Nas palavras de Judith Butler:

O sujeito masculino só se manifesta para originar significados e, por meio disso, significar. Sua autonomia aparentemente auto-referida tenta ocultar o recalcamento que, ao mesmo tempo, é a sua base e a possibilidade perpétua de seu deslastreamento. Mas esse processo de constituição do sentido exige que as mulheres reflitam esse poder masculino e confirmem por toda a parte a esse poder a realidade de sua autonomia ilusória (BUTLER, 2003, p. 75-76).

Com base nas considerações da autora supracitada é possível compreender a significação que o sujeito masculino como reprodutor do Sujeito faz significar em uma dada conjuntura social-histórica-ideológica. Indivíduos – sejam homens ou mulheres – são interpelados em sujeitos de um discurso que vem sendo passado e reformulado por gerações sendo validado por homens e mulheres que aceitam o lugar de superioridade do homem. Dentro dos termos do lugar ocupado por um determinado sujeito masculino, o machismo se institucionaliza na medida em que é aceito por sujeitos de diversos gêneros. Por outro lado, há lugares em que o sentido dominante é desestabilizado por minorias que percebem e discordam das desigualdades entre gêneros e da violência contra mulher. Lembremos do discurso politicamente correto e de enunciados que barram o sujeito machista – macho escroto – forçando-o a articular-se por novos significantes para manter vivo o velho Sujeito.

Formação do *corpus*

Definiremos um *corpus discursivo* como um conjunto de sequências discursivas, estruturado segundo um plano definido em relação a um certo estado das CP do discurso. A constituição de um *corpus* discursivo é, de fato, uma operação que consiste em realizar, por meio de um dispositivo material de uma certa forma (isto é, estruturado conforme um certo plano), hipóteses emitidas dos objetivos de uma pesquisa (COURTINE, 2014, p. 54).

A partir da noção de *corpus* as condições de produção (CP) do discurso podem ser analisadas tendo como base um determinado dispositivo. Desse modo, consoante ao objeto delimitado na presente pesquisa – o machismo – pensado sob a égide dos deslocamentos de sentidos em discursos machistas no espaço-tempo, configura-se um dispositivo teórico analítico pautado nos pressupostos teórico metodológicos da análise de discurso (AD). O paradigma indiciário de Ginzburg (1986) também orienta a análise do presente *corpus*, para que seja possível focar nas marcas discursivas. Em *O paradigma indiciário e as ciências humanas*, Tfouni (2016) explica que:

No âmbito desse paradigma a análise visa às particularidades, os indícios reveladores (pistas, dados vestigiais, signos etc.) que apontam para uma realidade complexa não experimentável diretamente, apoiando-se na possibilidade de inferi-la e interpretá-la a partir de seus efeitos. Possui como característica metodológica a não separação entre o sujeito e o objeto, considerando impossível alcançar a neutralidade (TFOUNI *et al.*, 2016, p.1257).

Diante de tal afirmação salientamos que o objeto aqui delimitado é investigado junto ao sujeito, especificamente o sujeito machista, atualmente chamado de “macho escroto”, que, ao reproduzir o grande Sujeito, se articula aos valores de ideologias reacionárias.

Análise do *corpus*

Tendo a AD como dispositivo teórico-analítico, alguns prints – *Print Screen*³ – foram

3 Capturas de tela a partir da tecla PrintScreen em computadores.

realizados para servir de ilustração para a análise, pois o discurso imagético e/ou “signo imagético” está imbricado ao silêncio da imagem, do silêncio, do não-dito (ORLANDI, 2007). Deste modo, alguns recortes (unidades de sentido) e sequências discursivas (SDs) foram extraídas dos prints para compor o fio discurso junto a outros pressupostos teórico-metodológicos da AD. Foram escolhidas publicações de casos famosos de violência contra mulheres praticada por jogadores de futebol profissionais.

Logo abaixo uma figura sobre uma publicação sobre o famoso caso do goleiro Bruno, julgado e condenado por homicídio, ocultação de cadáver, sequestro e cárcere privado de Eliza Samudio:

Figura 1. Condenação do goleiro Bruno



G1.GLOBO.COM

Goleiro Bruno é condenado a 22 anos e 3 meses; ex-mulher é absolvida

Júri culpou o jogador por homicídio, ocultação, sequestro e cárcere privado. Dayanne Rodrigues foi absolvida pelo sequestro e cárcere do filho de Eliza.

1132 COMENTÁRIOS

Georgina Tavares
HÁ 8 ANOS
22 anos de prisão não paga uma vida, aliás nada paga. Não dou 05 anos para este assassino esta livre! Quem acabou com a própria vida foi ele ! tinha tudo para brilhar. SFDU!!!
👍 32 🗨️ 6

Warley Leão
HÁ 8 ANOS
Acho que uns 40 anos tava bão.
👍 16 🗨️ 2

Gui Brasil
HÁ 8 ANOS
Foi pouco... Justo seria pena de morte e perpétua no Brasil.
👍 4 🗨️ 2

Fonte: Prints realizados em página do G1⁴.

4 Disponível em: <http://g1.globo.com/minas-gerais/julgamento-do-caso-eliza-samudio/noticia/2013/03/bruno-e-condenado-prisao-por-morte-de-eliza-ex-mulher-e-absolvida.html/>. Acesso em 04 jul. 2021.

Dentre um total de 1.132 comentários realizados por internautas na página da matéria sobre o julgamento, três foram destacados na figura 1, servindo para a formulação de recortes:

Recorte 1

22 anos de prisão não paga uma vida, aliás nada paga. Não dou 05 anos para este assassino esta livre! Quem acabou com a própria vida foi ele! tinha tudo para brilhar. SFDU!!! (posição-sujeito 1).

Acho que uns 40 anos tava bão. (posição-sujeito 2).

Foi pouco... Justo seria pena de morte e perpétua no Brasil. (posição-sujeito 3).

Buscando as evidências dos sentidos, o recorte 1, com a junção de 3 comentários indiciam 3 posições-sujeito que, apesar de não serem idênticas ou muito parecidas, discordam dos anos de prisão decretados no julgamento. Para melhor esclarecimento de tal afirmação é importante a formulação de uma sequência discursiva (SD) para cada posição: na posição-sujeito 1, a SD1 “22 anos de prisão não paga uma vida”; na posição sujeito 2, a SD2 “uns 40 tava bão” e; na posição-sujeito 3 “Foi pouco”. Todas estas posições explicitadas em SDs revelam que os internautas concordam que o réu em questão deveria ter uma punição mais dura. São posições que revelam evidências sobre indignação e/ou insatisfação, causando um efeito de sentido de que a justiça não foi feita, falhou ou jamais seria suficiente para julgar tal atrocidade.

Poder-se-ia dizer que estas posições possuem relação pelo interdiscurso. Para tanto, pensemos de que forma funciona a ideologia:

Concluiremos esse ponto dizendo que o funcionamento da Ideologia em geral como interpelação dos indivíduos em sujeitos (e, especificamente, em sujeitos de seu discurso) se realiza através do complexo das formações ideológicas (e, especificamente, através do interdiscurso intradiscursivo nesse complexo) e fornece “a cada sujeito” sua “realidade”, enquanto sistema de evidências e de significações percebidas – aceitas – experimentadas (PÊCHEUX, 1995, p. 162).

De todo modo, ainda segundo Pêcheux (1995), não convém pensar as realidades considerando apenas o interdiscurso. O intradiscursivo está atrelado aos acontecimentos e as formas de assujeitamentos, a forma-sujeito “tende a absorver-esquecer o interdiscurso no intradiscursivo, isto é, *ela simula o interdiscurso no intradiscursivo*” (p. 167). O intradiscursivo – não somente nos trechos em destaques, mas quase que de forma unânime em outros comentários em outras posições-sujeitos de internautas na mesma publicação/matéria – é o ponto central para a formulação da opinião pública, pois o fato de diversas posições-sujeitos concordarem possui relação com o acontecimento em determinado lugar histórico-social-ideológico. Lembremos da “ordem social”, pois ela não funciona somente para justificar a dominação masculina, como coloca Bourdieu (2014, p. 18). Há também um funcionamento discursivo que, atrelado ao intradiscursivo, pode barrar a ordem social que se estabelece no intradiscursivo. Diga-se de passagem, o ano é 2013, ano em que uma presidenta – Dilma Rousseff – exercia pela primeira vez na história do país, ano em que minorias ganhavam visibilidade, etc. De todo modo, passados alguns anos, vemos que hoje (2023) as coisas mudaram drasticamente e o goleiro condenado Bruno passou a ser goleiro livre e atualmente ex-goleiro. Nesse espaço-tempo o termo feminicídio veio à tona, inclusive se tornando lei em março de 2015 conhecida como Lei do Feminicídio, a Lei 13.104. Nos anos posteriores, após a queda da presidenta Dilma por impeachment/golpe e tantos outros acontecimentos surgiram várias críticas em relação ao termo. Tais acontecimentos marcam lugares históricos-sociais-ideológicos que negam a existência de um crime como o cometido pelo ex-goleiro Bruno como sendo algo que acontece especificamente com mulheres. Tais perspectivas demonstram o quando o lugar do machismo institucionalizado retorna forte filiado a formações ideológicas reacionárias, inclusive da cena política eleitoral como é o caso da extrema direita dos últimos anos.

Passemos para outro lugar no espaço-tempo (2019), para um salto de 6 anos à frente. Trata-

se do acontecimento que envolveu o jogador Neymar e a modelo Najila Trindade:

Figura 2. Neymar X Najila



Fonte: Print realizado em página do Facebook (UOL Notícias)⁵.

O salto brusco de 6 anos entre os expostos na figura 1 com seus respectivos recortes e SDs não possui necessariamente relação com um eventual fio do sentido no tocante aos acontecimentos contidos da figura 2. A ideia desse salto é demonstrar os diferentes momentos em que acontecimentos relacionados a violência contra mulheres se passam em distintas conjunturas sociopolíticas. Em outro cenário, o Brasil contemporâneo é atravessado por diversas crises sociopolíticas que culminaram no enfraquecimento de grupos e/ou classes subalternos/minoritários (MONTEIRO, 2021).

Mais recortes a seguir:

Recorte 2

O que aconteceu com Neymar serve de exemplo para todos os homens. Larguem dessa mania de ambição por mulher, conheça com quem você vai se envolver primeiro. A beleza vai muito além do que rostinho e corpo bonito. Assim como existe mulher que te ergue, também existe mulher que te coloca no fundo do poço (posição-sujeito 4).

O que parece é que ela se sentiu a Anastasia achando que Neymar fosse o Christian Grey... (posição sujeito 5).

-- Seu delegado, fui estuprada pelo Neymar! -- Quando, senhora? -- Anteontem, ontem e hoje. E já marcamos para amanhã. (posição-sujeito 6).

No recorte 2, as posições-sujeito 4, 5 e 6 são comentários de internautas considerados mais relevantes de acordo com a página UOL Notícias no Facebook. Tratam-se de discursos sobre uma entrevista de Najila concedida ao programa Conexão Repórter da emissora SBT, exibidos em vídeo sobre acusações de estupro contra o jogador Neymar. Algumas SDs foram formuladas a partir das posições aqui delimitadas: "O que aconteceu com Neymar serve de exemplo para todos os homens" (SD 4); "O que parece é que ela se sentiu a Anastasia" (SD 5) e; "Seu delegado, fui estuprada pelo Neymar! [...] E já marcamos para amanhã" (SD 6).

⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/UOLNoticias/videos/653216285104750>. Acesso em: 06 jul. 2021.

Nas SDs 5 e 6, as posições-sujeitos através de analogia a Anastasia Steele – personagem fictício da livros 50 Tons de Cinza de E.L. James – e através de uma piada simulando o depoimento de Najila frente ao delegado, buscam um efeito cômico ou chistoso como diria Freud (1977). De modo implícito, as posições buscam descredibilizar/deslegitimar o discurso de Najila. Na SD 4, por outro lado, o efeito cômico/chistoso não aparece, mas assim como nas posições anteriores, a mulher é vista/colocada como errada. Apesar dos contornos deste caso terem gerado diversos outros acontecimentos cheios de reviravoltas para ambos os lados, neste momento – 5 de julho de 2019 – prematuro para afirmações que possam inocentar o jogador Neymar, as posições-sujeitos já se articulam para defende-lo. Há algo preocupante para esta nova conjuntura sociopolítica, pois em outros tempos – como no caso do goleiro Bruno em 2013, apesar da gravidade no enredo do caso – os sujeitos se posicionavam em sua maioria em apoio as mulheres ao invés de desconfiarem, discordarem ou menosprezarem-nas em suas posições desiguais: regredimos neste sentido.

A atual conjuntura sociopolítica brasileira requer uma atenção especial, pois com o advento das tecnologias que encurtaram mais o espaço-tempo, desde o início do século XXI a polarização política vem tomando proporções cada vez mais impulsionadas pelas redes sociais. Comumente, ao se falar em política ou especificamente em política nacional, as questões são remetidas para a cena eleitoral/partidária com referentes como, por exemplo, corrupção, fanatismo, partidarismo, nacionalismo e a dicotomia esquerda-direita (MONTEIRO, 2021, p. 42).

Este caráter político-ideológico em que os sujeitos se posicionam com referentes da cena eleitoral/partidária acontece tanto de forma explícita como de forma implícita. Ao mesmo tempo a ideologia machista, reacionária e patriarcal predominantemente re-produzida no interdiscurso tende a estar mais forte diante dos discursos que funcionam como retórica para as minorias frente ao discurso reacionário. O discurso politicamente correto era menos questionado, estando também em alta em 2013 e talvez isto explique o efeito de sentido já não seja mais de compaixão para com as mulheres e/ou outras minorias, mas sim o de questionamento da índole destas.

Passemos então para a próxima figura, desta vez em um salto não tão brusco como entre os acontecimentos das figuras 1 e 2. A seguir um acontecimento relacionado a polêmica do jogador Robinho teve documentos vazados de sua sentença de condenação em primeira instância por crime sexual na Itália, o que ocasionou numa série de acontecimentos incluindo o rompimento de seu contrato com o Santos Futebol Clube e sua declaração polêmica criticando a existência do feminismo em uma entrevista a UOL:

Figura 3. “Infelizmente, existe esse movimento feminista”

Robinho e o movimento feminista

Robinho: “Infelizmente, existe esse movimento feminista”
101 mil visualizações · há 8 meses

1 mil 488 Compartil... Download Salvar

UOL Esporte 564 mil inscritos **INSCREVER-SE**

Comentários 1,3 mil

O atacante Robinho, após repercussão de documentos vazados de sua sentença de condenação em primeira instância por crime sexual na Itália, criticou o movimento feminista em entrevista ao UOL. Ele teve seu contrato com o Santos suspenso na sexta-feira após pressão de patrocinadores do clube. “Infelizmente existe esse movimento feminista, que não sei o que... Muitas mulheres que não são nem mulheres, para falar o português claro”, disse o jogador, durante uma discussão sobre o estado de embriaguez da garota de origem albanesa que fez a denúncia que gerou a condenação.

Rafael Batista · há 8 meses
Pronto: virou o discurso típico do “cidadão de bem”
258 23

23 RESPOSTAS

Zeao Cam · há 8 meses
A justiça o condena e a culpa é do movimento feminista? Qual a relação? Nenhuma! Que seja condenado novamente!
170 11

11 RESPOSTAS

WALDEIR COLARES · há 8 meses
Porrrraaaa, agora a culpa é de um movimento? Parabéns Robinho, tomara que vc e outros do Futebol se lasquem na cadeia.
74 10

10 RESPOSTAS

DEUS NÃO EXISTE E JESUS CRISTO É UM... · há 8 meses
Quando o cara já está enrolado até o último fio de cabelo e consegue se complicar ainda mais. Já botou a culpa na Globo, no movimento feminista, quero ver quem será o próximo autor do estupro.
191 71

71 RESPOSTAS

Fonte: Prints realizados em canal no UOL Esporte (Youtube)⁶.

Ao lado esquerdo da figura 3 contém algumas informações importantes para o *corpus*: 1) as SDs que representam o discurso imagético que possui a imagem do sujeito em questão com um título para a sua posição, “Robinho e o movimento feminista”; 2) o título “Robinho: “Infelizmente, existe esse movimento feminista””; 3) quantidade de visualizações (101 mil aproximadamente) e de “gostei” (1 mil aproximadamente) e “não gostei” (488) e; 4) a descrição do vídeo com detalhes da entrevista, o que serviu para a formulação o recorte 3, logo abaixo:

Recorte 3

“Infelizmente existe esse movimento feminista, que não sei o que... Muitas mulheres que não são nem mulheres, para falar o português claro”, disse o jogador, durante uma discussão sobre o estado de embriaguez da garota de origem albanesa que fez a denúncia que gerou a condenação. (posição-sujeito 7).

Os quatro pontos levantados no parágrafo anterior ao recorte 3 indiciam a condução do discurso jornalístico por uma via polêmica nos dois primeiros pontos levantados. No terceiro ponto alguns detalhes de “signos imagéticos” (ORLANDI, 2007) que indicam que muitas pessoas gostaram ou não do vídeo, da declaração ou de outro fator relacionado ao acontecimento/vídeo. Não há como saber, mas há controvérsias e isto coloca em questão o fato de que muitos podem estar em silêncio, mas podem estar ao lado do jogador já condenado por estupro em duas instâncias pela corte italiana. No quarto ponto – também ilustrado no recorte 3 – os indícios apontam para uma articulação por parte de um sujeito que se posiciona de forma implícita buscando referentes que estão presentes em embates na cena eleitoral/partidária, na polarização política.

Diferentemente da cena de 2019 e do acontecimento “Neymar X Najila” (cf. figura 2; cf. recorte 2), a cena de 2020 e o acontecimento relacionado ao enunciado “Infelizmente, existe esse movimento feminista” (figura 3) são momentos completamente diferentes. A cena político-

⁶ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=d1sFM_qnqmQ. Acesso em: 12 jul. 2021.

ideológica de 2019 era mais propícia ao discurso reacionário ao passo em que o acontecimento analisado – “Neymar X Najila” – não era um caso já julgado e decretado culpado como na análise seguinte – Robinho e o crime sexual cometido em grupo. De todo modo, é preciso considerar o intradiscurso como sendo um lugar de acontecimentos precedidos por certo enfraquecimento da cena político-ideológica em que a posição-sujeito – extraída do recorte 3 e/ou posição-sujeito 7 – tenta se vincular: “Infelizmente existe esse movimento feminista, que não sei o que... Muitas mulheres que não são nem mulheres, para falar o português claro” (SD 7). A crítica ao movimento feminista e as “mulheres que não são nem mulheres” trata-se de uma tentativa de conseguir apoio de vertentes conservadoras e/ou contrárias a minorias.

Talvez a articulação da SD 7 tenha relação com interdiscurso que revela a memória discursiva dos acontecimentos do caso “Neymar X Najila”. Não é possível afirmar que a posição-sujeito em questão tenha buscado esta articulação, mas é possível compreender que tenha revelado outros fios discursivos no intradiscurso como os revelados ao lado direito da figura 3, que se tratam de comentários de internautas.

Recorte 4

Pronto: virou o discurso típico do “cidadão de bem” (posição-sujeito 8).

A justiça o condena e a culpa é do movimento feminista? Qual a relação? Nenhuma! Que seja condenado novamente! (posição-sujeito 9).

Porrrraaaa, agora a culpa é de um movimento? Parabéns Robinho, tomara que vc e outros do Futebol se lasquem na cadeia. (posição-sujeito 10).

Quando o cara já está enrolado até o último fio de cabelo e consegue se complicar ainda mais. Já botou a culpa na Globo, no movimento feminista, quero ver quem será o próximo autor do estupro. (posição-sujeito 11).

A partir das posições-sujeitos 8, 9, 10 e 11 formula-se as SDs: “o discurso típico do “cidadão de bem”” (SD 8) que indicia um referente a ideologia conservadora muito utilizado em campanhas e pautas de apoiadores do até então presidente da república (Jair Bolsonaro); “A justiça o condena e a culpa é do movimento feminista?” (SD 9) e “agora a culpa é de um movimento” (SD 10), e “quero ver quem será o próximo autor do estupro” (SD 11), nestes pontos aparecem a defesa ao feminismo amparado na discordância implícita da tentativa de articulação com grupos conservadores e ao mesmo tempo de forma explícita a culpa é direcionada ao referido sujeito.

A partir da figura 3, tanto na primeira posição-sujeito como nas demais, há referentes com o intradiscurso recorrendo ao feminismo para completar o fio do sentido. As tentativas de articulação na posição-sujeito 7 e SD 7 devem ser motivo de preocupação por momentos em que este tipo de articulação dão certo. O intradiscurso não foi favorável neste episódio, mas os altos e baixos dos discursos e ideologias conservadoras/reacionárias dão sentido as formas-sujeitos no espaço-tempo. Direitos de grupos ou classes não-hegemônicos se perdem ou são minimizados em alguns momentos no intradiscurso que possui enlace com do discurso mais conservador, mais reacionário, em favor do patriarcado, do macho escroto, etc., mas o interdiscurso que remete as formas-sujeitos em prol de minorias como, por exemplo, o feminismo, são as formas que devem prevalecer para uma sociedade mais justa e igualitária.

Considerações Finais

O referencial teórico e o *corpus* da presente pesquisa possibilitaram refletir acerca de questões relacionadas ao machismo presentes no interdiscurso mais ou menos naturalizadas. Neste entremeio o macho escroto é evocado como forma de dar um novo significado a dominação masculina já naturalizada como ordem social. O fio do sentido que se estabelece no interdiscurso pode ser barrado no intradiscurso. Assim sendo, acontecimentos interferem na opinião pública

de modo a estabelecer a forma-sujeito por tendências discursivas que circulam e/ou pelo teor da gravidade dos acontecimentos relacionados as diversas formas de violência contra mulheres.

Assédio (sexual ou não), machismo e feminicídio possuem relação com o sentido dominante. O agravamento de uma ou outra questão, o tipo de sujeito a ser barrado e a formulação da opinião pública com relação ao acobertamento ou denúncia de violência contra mulheres, dependem do lugar histórico-social-ideológico do acontecimento. Neste sentido, o macho escroto pode ser ou não silenciado, mas é preciso que estejamos conscientes para o fato de que formações ideológicas e discursivas conservadoras tendem a favorecer a dominação masculina de modo que o sujeito homem – chamado macho escroto, mas que sempre esteve agindo com precedentes machistas em diferentes lugares no espaço-tempo – passe por despercebido e/ou de modo que o machismo seja naturalizado/ institucionalizado.

Desse modo, sob a égide de uma estrutura capitalista, o macho escroto é quase sempre justificado, barrando os discursos de minorias que tentam barrar este sujeito que domina re-produzindo sentidos que são aceitos, recalcados e naturalizados, mas também re-produzidos por mulheres como explica Judith Butler (2003). Denúncia e resistência devem prevalecer as desigualdades de gênero e sexualidade aliadas as articulações machistas no espaço-tempo. Espera-se com a presente pesquisa ter colaborado com a militância feminista nesta luta.

Referências

- ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos do estado**. ed. 2. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 12. ed Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CHARAUDEAU, Patrick. **A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas**. São Paulo: Contexto, 2016.
- COURTINE, J.-J. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EdUFSCar, 2014.
- DOR, Joel. **Introdução à leitura de Lacan: O inconsciente estruturado como linguagem**. Tradução por Carlos Eduardo. Porto Alegre: Artes Medicas, 1989.
- FREUD, Sigmund. O chiste e sua relação com o inconsciente. *In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. VIII. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. *In: C. Ginzburg, Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. p. 143-179.
- HABERMAS, Jürgen. **Direito e democracia: entre faticidade e validade**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.
- LACAN, J. **O seminário, livro 3: as psicoses**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. *In: Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 18. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2019.

MELO, Mônica de. Assédio sexual: um caso de inconstitucionalidade por omissão. **Revista do ILANUD**, São Paulo, n. 17, 2001.

MONTEIRO, Juan. O estado da arte para a análise de discurso pecheutiana no campo político. **Revista Humanidades e Inovação**, v.8, n.36: Discurso e Alteridade I, p. 41-52, jan.-mar. 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/4930>. Acesso em: 04 jul. 2021.

NASCIMENTO, Filipe Augusto dos Santos. A participação política das minorias. **Revista Opinião Jurídica**, n. 8, p. 57-86, 2006. Disponível em: <https://periodicos.unichristus.edu.br/opiniaojuridica/article/view/2004>. Acesso em: 27 jul. 2021.

ORLANDI, E. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**. 4.ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, M. O mecanismo do (des)conhecimento ideológico. In: S. Zizek (Org.), **Um mapa da ideologia**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 143-152.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso**: Estrutura ou Acontecimento. Tradução por Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas: Pontes, 2002.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 2. ed. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi *et al.* Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

TEIXEIRA, M. O “sujeito” é o “outro? Uma reflexão sobre o apelo de Pêcheux à psicanálise. In: WAMOSY, A. **Poesia Completa**. Porto Alegre: IEL/Alves Editores, 1994.

TFOUNI, Leda Verdiani *et al.* O paradigma indiciário e as ciências humanas: psicanálise e análise do discurso. **Estud. pesquis. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 1256-1270, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/33450/24163>. Acesso em: 28 jun. 2021.

Recebido em 30 de março de 2023.

Aceito em 10 de outubro de 2023.

